

# São Faraústo 2, uma villa romana dedicada à fundição (Oriola, Portel)

Susana Rodrigues Cosme<sup>1</sup>

---

## Resumo:

Os trabalhos arqueológicos foram motivados pela construção do canal de rega entre as barragens do Loureiro e do Alvito, promovidos pela EDIA e co-financiados pelo FEDER.

A estação arqueológica de São Faraústo (Oriola, Portel) tem uma cronologia entre o século I d.C e o século V. D.C. Trata-se de uma *villae* romana dedicada à metalurgia do ferro. Apresenta um espaço habitacional e um espaço oficial com fornos escavados em terra, canalizações em tegula e covachos característicos mundo romano. Salientamos ainda os grandes níveis de escórias e derrubes de tegula, escórias e cerâmicas comuns.

Este sítio parece ter perdurado até ao século V/VI d.C. como atestam algumas cerâmicas e o nome do santo que ainda dá o nome ao sítio, S. Faraústo, mártir no início do Cristianismo.

## Abstract:

The construction work of the irrigation canal between/connecting the dams of Loureiro and Alvito sponsored by EDIA and co-financed by FEDER led to the unearthing and study of the archaeological site of São Faraústo.

The chronology of the site of São Faraústo (Oriola, Portel) ranges /goes from the 1<sup>st</sup> century b.C.. to the V<sup>th</sup> century b.C.. This site is a roman *villae* dedicated to the iron metallurgy, it shows a housing area and a work/blacksmith area with underground ovens, water drains made with *tegula* and dug holes characteristic of the roman world.

Also noticeable are the large numbers of iron/metal scraps and piles of *tegula* and common ceramic found in the area.

The site seems to have been occupied till the V/VI century b.C. as can be attested by some of the ceramics found and also by its own name since the São Faraústo was a martyr saint from the beginning of the Christianity.

---

1 - Arqueóloga, direcção da intervenção arqueológica

## 1. Localização

Localizado num terreno de suave declive na margem direita da ribeira de Oriola, da freguesia de Oriola, concelho de Portel, distrito de Évora, este sítio arqueológico encontrava-se num terreno, semeado de trigo e com algumas azinheiras, em propriedade privada. Trata-se de um local sobranceiro à ribeira de Oriola, a uma altitude entre os 198 m e os 205 m. As sondagens foram localizadas entre os Meridianos 225900 e o 225984 (O/E) e os Paralelos 149283 e o 149179 (N/S). Os acessos à estação arqueológica poderão ser feitos via Portel em direcção a Viana do Alentejo e a cerca de 10 km de Portel, encontram uma placa para Santana à esquerda. Vira-se aí e a cerca de 100/200 m encontra-se uma estrada de terra batida à direita em direcção à capela de São Faraústo. A estação arqueológica situa-se entre a estrada e a capela. Via Viana do Alentejo em direcção a Portel, passa-se o cruzamento para Oriola e a 4 Km depois deste cruzamento encontra-se o cruzamento à direita para Santana. Aí, a cerca de 100/200 m encontra uma estrada de terra batida, à direita, em direcção à capela de São Faraústo.

## 2. Capela

Neste espaço e sobre o sítio arqueológico de época romana encontramos a ermida de São Faraústo, dedicada a um santo quase desconhecido. Deste santo, diz-se ser um mártir que morreu subjugado aos romanos. Esta pequena edificação terá tido a sua origem no início do séc. XVI, apresenta um conjunto pictórico na capela-mor quinhentista, sendo um dos exemplares mais peculiares do núcleo da Rota do Fresco.

Esta capela encontra-se bastante danificada pois a cobertura da nave bem como parte das paredes da nave e da sacristia, anexa à capela, ruíram. A capela-mor não sofreu danos ao nível da estrutura mas requer obras de consolidação, o mais urgente possível.



Fig. 1 - Capela de São Faraústo.

## 3. Introdução aos trabalhos arqueológicos

O sítio de São Faraústo 2 foi objecto de uma intervenção arqueológica de carácter de emergência, pois a construção de um canal de transvaze entre as barragens do Loureiro e do Alvito teria como consequência destruição parcial do sítio arqueológico. Daí a necessidade do local ser escavado e estudado antes da construção do túnel, para que não se perdesse o conhecimento científico e se salvassem alguns objectos arqueológicos importantes, já que não podia ser evitada a destruição parcial deste espaço<sup>2</sup>.

Os trabalhos arqueológicos foram promovidos pela EDIA e co-financiados pelo FEDER sendo contratada a empresa de arqueologia Archeo'Estudos, Lda. para a realização dos mesmos.

Numa primeira fase foram sondagens avaliativas numa área de 120 m<sup>2</sup> dentro da área que viria a ser afectada pelo canal e respectivos caminhos de acesso, num prazo de execução de 22 dias úteis. Esta 1ª Fase de trabalhos teve início a 27 de Abril de 2004 e terminou a 25 de Maio de 2005.

Na sequência desta intervenção e do respectivo relatório foi decidido realizar o alargamento da sondagem 7 e da sondagem 4, numa área prevista de 120 m<sup>2</sup> e num prazo de 22 dias úteis. Esta intervenção teve início a 18 de Julho de 2005 e terminou a 17 de Agosto do mesmo ano.

Com os resultados desta intervenção de alargamento das sondagens 4 e 7, pareceu-nos imprescindível antes do começo dos trabalhos de construção do canal, alargar com escavação em área a zona da sondagem 7, na área a afectar pelo caminho de acesso ao canal. Estes trabalhos tinham como objectivo registar todas as estruturas que possam ter sobrevivido à acção do tractor, de forma a tentar compreender a funcionalidade e a aferir cronologias para estas estruturas.

Assim, como para Este, não parece haver mais estruturas deste edifício, bem como, se as houver ficam fora da área afectada pelo caminho de acesso, propôs-se o alargamento para Norte, Sul e Oeste, onde se verificava que as estruturas se prolongavam.

Na zona do canal, mais precisamente entre as sondagens 3 e 4, foi da opinião do Instituto Português de Arqueologia realizar o alargamento da sondagem 3 de forma a compreender em plano as estruturas detectadas em corte na primeira fase dos trabalhos, mais precisamente nos cortes Sul e Este da sondagem 3, bem como, realizar uma sondagem com meios mecânicos em forma de cruz a partir da sondagem 4 de forma a tentar explicar a existência de tão grande quantidade de materiais arqueológicos numa camada que nos parece um derrube.

Estes trabalhos tiveram início em 10 de Outubro de 2005 e terminaram em 22 de Novembro do mesmo ano, num total de 30 dias úteis, dos quais daremos conta neste relatório final.

No final destes trabalhos e após visita ao campo dos arque-

2 - Consultar Relatório de Estudo de Impacte Ambiental entregue à EDIA, plea empresa NEMUS.

ólogos do IPA da extensão de Castro Verde, Dr.<sup>a</sup> Manuela de Deus e Samuel do arqueólogo José Correia e do arqueólogo da EDIA, Dr. Miguel Martinho foi tomada a decisão de concluir os trabalhos na Sondagem 7, realizar a escavação de uma área com dispersão de materiais arqueológicos detectados em acompanhamento de obra, na zona do canal e após a realização das valas de sondagens foi decidido realizar a escavação das zonas 1, 2 e 3 e acompanhar a remoção, com máquina retro-escavadora, dos níveis de terras negras com escórias, bem como, da camada de terra castanha que se lhe segue, na zona 4, exumando todo o material arqueológico possível.

Para a realização destes trabalhos propusemos 43 dias úteis que tiveram início a 23 de Novembro de 2005 e terminaram a 10 de Março de 2006.

#### 4. Resenha histórica

São poucas as referências a este local como sítio arqueológico e também escassas as referências à capela ali erigida, mas são muito menos as que se referem ao santo, seu orago.

Não encontramos referências a mais nenhum São Faraústo em Portugal, o que nos leva a concordar com Pierre David quando fala na derivação de nomes de São Faústo, para Fraústo e quem sabe Faraústo.

De São Fraústo encontramos algumas referências das quais destacamos um São Fraústo na freguesia de Samaiões, concelho de Chaves. Referimos este caso, pela semelhança topográfica e cronológica do local. Este sítio encontra-se numa encosta virada a SE, na margem direita do Tâmega, numa área de cerca de 1,5 hectare de dispersão de tegula, sigillata, silhares, fustes cilíndricos e muita cerâmica comum. Neste momento não existe nenhuma capela associada a este sítio embora se fale de uma capela que existia numa quinta ali próxima<sup>3</sup>.

Túlio Espanca fala-nos da Ermida de S. Fausto, mártir das grandes perseguições imperiais romanas contra o cristianismo e advogado contra as maleitas – na expressão popular – já existente no século XVII e mais tarde consagrada a N. Senhora dos Remédios, situada num local ameno da margem direita da ribeira de Odivelas, no Monte das Covas, a cerca de 5 Km de distância da antiga sede de freguesia, alcançando-se pela Est. Nac. 384 e através de um mau caminho particular da herdade de Vale Figueiras.<sup>4</sup> Esta é a referência mais específica a este local, o autor não esclarece, no entanto, porque lhe chama Ermida de S. Fausto. É que os habitantes conhecem-na como N. Senhora dos Remédios e

na Carta Militar o topónimo é São Faraústo.

Paula Amendoeira, em 1999, na sua ficha de Inventário do Património Arquitectónico designa esta ermida como Ermida de São Faraústo/Ermida de São Fausto/Ermida de Nossa Senhora dos Remédios.

Faz uma caracterização da capela, datando-a dos inícios do século XVII e as pinturas murais do século XVIII. Refere já “...os abundantes vestígios cerâmicos de época romana a anunciarem uma ocupação do local já nessa época.”<sup>5</sup>

Em 2003, foi realizado um Estudo de Impacte Ambiental (EIA) do troço de ligação Loureiro-Alvito, onde através dos trabalhos de prospeção realizados pelo arqueólogo Pedro André Santos Neto a empresa Nemus aponta como principal impacte negativo a destruição parcial do Sítio Arqueológico de S. Faraústo.

Pierre David refere as variantes do nome S. Fausto, também chamado de Frausto ou Faustino. A identificação deste santo não é fácil, por vezes, é confundido com S. Faustino de Brescia.

Identificado como um dos dezoito mártires de Saragoza no *Agiologio Lusitano*, Jorge Cardoso, refere que o sagrado corpo do mártir foi levado de Saragoza, por um rei de Navarra, para um lugar do seu domínio, na diocese de Calahorra, onde lhe construiu igreja e a sua festa é comemorada a 26 de Abril, sobre o título de confessor e a sua intercessão é particularmente solicitada por mulheres estéréis<sup>6</sup>.

A vila de Vitória, na Cantábria, reivindica-o como tendo nascido neste local.

Carmen Garcia Rodriguez refere 1 Fausto de Zaragoza (um dos nomes dos dezóito mártires) e 1 Fausto de Córdova, que faz parte de um grupo de 3 santos, com Jenaro e Marcial.

Do segundo grupo, por vezes chamados «irmãos», sabe-se que nos princípios do século V o seu culto era conhecido já fora de Córdova. Como S. Fausto é o primeiro, é possível que a igreja seja designada só pelo seu nome.

Há várias datas para o seu dia, sendo a mais antiga a 13 de Outubro, há também a referência a 28 de Setembro.

Pensa-se que este culto só terá sido difundido na Bética.<sup>7</sup>

O S. Fausto de Zaragoza também parece que tem culto desde princípios do século V e o seu nome não é dos que foram acrescentados posteriormente, pelo contrário aparece logo nas primeiras referências.<sup>8</sup>

#### 5. Zona habitacional - Sondagem 7

Quanto ao espaço habitacional, apesar dele se encontrar ao nível dos alicerces devido à constante destruição dos muros por motivos de uso agrícola do solo, podemos caracterizá-

3 - AMARAL, 1993: 66. TEIXEIRA, 1999: 77.

4 - ESPANCA, 1978: 255.

5 - Esta ficha encontra-se na página da WEB da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais (DGEMN), foi realizada por Paula Amendoeira em 1999 e actualizada por Paula Figueiredo em 2001.

6 - CARDOSO, 1657: 722.

7 - GARCÍA RODRIGUEZ, 1966: 225-227.

8 - GARCÍA RODRIGUEZ, 1966: 324-334.

lo como um edifício com pelo menos três salas, duas delas com comunicação entre si através de um degrau e as outras duas com uma aberturas virada a um espaço aberto no interior, não foi possível detectar pisos de ocupação e mesmo os níveis de derrubes encontram-se muito remexidos. Os muros são constituídos por pedra de xisto e material de construção, essencialmente de tegula. Este aparelho verifica-se pelo menos ao nível dos alicerces, que é o que conhecemos deste edifício. As valas de construção dos muros encontram-se abertas na rocha-base. O edifício apresenta dois momentos de construção, um primeiro, do qual fazem parte as três salas e o muro a Norte (U.E.-615 e 668) que atravessa quase toda a Sondagem de Este a Oeste, um segundo momento, o da construção dos muros que foram adossados a Norte do muro U.E.-615 e 668.

Quer pela tipologia das estruturas, pelos materiais cerâmicos, principalmente as sigillatas que nesta zona são essencialmente Sigillatas Africanas Claras C, quer pelos numismas dos séculos III/IV, podemos concluir estar perante uma villae com ocupação durante a época romana (século III/IV ao século V/VI).

## 6. Zona oficial ou industrial – Sondagens 3, 4, 9, 10 e 11

As estruturas detectadas no alargamento das sondagens 3 e 4, as possíveis estruturas da Vala A, bem como a grande quantidade de escórias levou-nos a pensar estarmos perante não exclusivamente de um conjunto de escórias, mas também de uma área de fundição metalúrgica, com uma datação romana/alto-medieval.

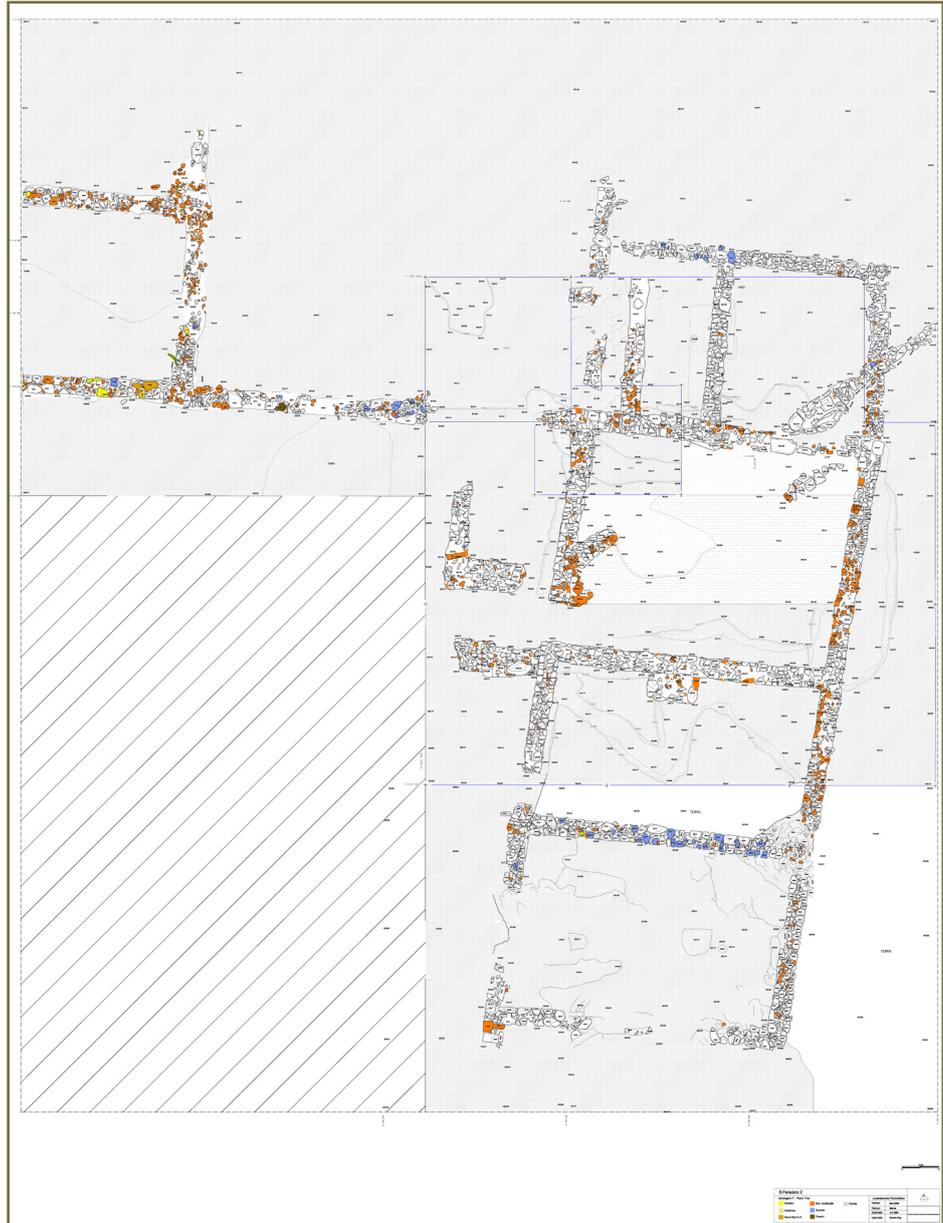


Fig. 2 – Planta das estruturas da zona habitacional – Sondagem 7.

Dessas estruturas destacamos um forno, uma canalização, 7 covachos cheios de terras negras e derrubes de tegula escória e cerâmicas comuns.

Os trabalhos iniciaram-se pela remoção da camada superficial, à qual se atribuiu a U.E.-212. Nesta camada foram exumadas cerâmicas comuns, doliuns e sigillatas, bem como, alguma escória que não foi recolhida, por já haver uma amostra significativa recolhida na 1ª fase dos trabalhos.

Sob esta camada surgiu uma estrutura em tijolo, U.E.-217, cheia por uma terra castanha à qual se atribuiu a U.E.-213. Neste enchimento foram recolhidas duas mós em granito de má qualidade.

A estrutura U.E.-217 parece-nos ter funcionado com canalização de forma a arrefecer o metal que seria fundido no forno, U.E.-216, detectado no canto Sudeste da sondagem 3.



Fig. 3 – Forno.

Este forno foi escavado em terra, encontrava-se cheio por uma terra negra, U.E.-209, apresenta as suas paredes endu-  
recidas em tons cinzentos e a terra onde foi escavada após a remoção das paredes apresenta uma cor avermelhada com características rubefactadas.

Sob a U.E.-212 foi removida uma grande camada de terra negra com uma grande quantidade de blocos de escórias de ferro, U.E.-215. Nesta camada foram exumadas cerâmicas comuns e alguns fragmentos de doliuns. Esta camada encontra-se sob um derrube de pedras e de telhas, que por sua vez se encontra sobre a destruição do forno.

A U.E.-214 foi atribuída a uma terra castanha entre umas pedras, onde as valas destas duas estruturas, canalização e forno, foram abertas.

Na 4ª Fase de trabalhos a sondagem 3 sofreu o último alargamento no qual a juntou à sondagem 4. Assim, neste alargamento foram atribuídas as U.E.-220 e U.E.-221 à camada superficial. Na U.E.-220 foram exumados 928 fragmentos de espólio no qual se destacam as cerâmicas comuns, com 902 fragmentos e na U.E.-221 foram exumados 3678 fragmentos de espólio.

Sob a camada superficial surge uma camada de terra negra com escórias. A esta camada, do eixo M-225885 para Oeste foi atribuída a U.E.-223 e para Este a U.E.-222.

A maior parte desta camada foi removida com máquina pois a quantidade de escória era muita e em grandes blocos, o que, com meios humanos iria ser impossível realizar os trabalhos em tempo útil, e não se justificava. Estes trabalhos foram sempre acompanhados pela equipa de arqueologia. Na U.E.-222 foram exumados 1668 fragmentos de espólio e na U.E.-223 foram exumados 327 fragmentos.

Sob a camada de terras negras surgiu uma grande camada de derrube de telha, cerâmica e escória, para uma melhor funcionalidade do decorrer dos trabalhos esta camada foi dividida por zonas e conseqüentemente por unidades estratigráficas distintas embora com características semelhantes: U.E.-224 onde foram exumados 2025 fragmentos de espólio; U.E.-226 onde foram exumados 744 fragmentos de espólio; U.E.-228 onde foram exumados 6866 fragmentos de espólio e a U.E.-229 onde foram exumados 2359 fragmentos de espólio.



Fig. 4 – Escória dos níveis de derrube.



Fig. 5 – Camada de telha, escória, pedras e cerâmicas.

Sob a camada de derrube U.E.-224 foi registada uma camada de terra castanha a U.E.-225 com 3645 fragmentos de espólio arqueológico.

Sob a U.E.-223 e surge uma camada de terra negra com manchas de terra vermelha rubefactada, U.E.-227. Nesta camada foram exumados 160 fragmentos de espólio arqueológico.

A U.E.-230 foi atribuída ao interface de construção da U.E.-317. A U.E.-236 a um conjunto de telhas, sob estas um conjunto de tijolos, U.E.-231.

A U.E.-235 foi atribuída a um lote de terras junto ao forno. Sob estas camadas surge uma terra de castanha clara, U.E.-232 e U.E.-233. A U.E.-232 foi removida com máquina, pois já tínhamos escavado a U.E.-233, mais a Norte, e esta camada tinha-se revelado quase estéril em espólio arqueológico, foram exumados apenas 72 fragmentos e como os prazos estavam muito apertados não se justificava o esforço de escavar tantos metros cúbicos de terra. Assim, foi realizado um pedido de autorização de remoção deste volume de terra recorrendo a uma máquina retro-escavadora. Nesta camada, U.E.-232, durante o acompanhamento, foram exumados 29 fragmentos de espólio arqueológico.

A estrutura U.E.-318, que se classificou numa primeira análise como canalização, foi depois caracterizada como limitadora de um espaço ligado à metalurgia. Esta estrutura

como verificámos caracteriza-se por pedras fincadas e com tegulas a fazer de cunhas. Apresenta um conjunto de pedras niveladas a formar uma entrada de um espaço com forma de elipse.

Deste alinhamento para Norte foram detectados vários covachos de terras negras e materiais cerâmicos. Para Sul deste alinhamento encontramos as camadas de derrube nivelado. A estrutura, U.E.-318 é nitidamente uma divisão de espaços.



Fig. 6 – Dois dos covachos escavados para armazenamento de detritos dos fornos.

Os materiais nestes níveis de derrube apresentam uma cronologia mais lata que no espaço habitacional. Aqui os materiais cerâmicos apresentam como vimos cronologias que vão desde o século I d.C. ao século V d. C.. Destas peças salientamos as produzidas quer na Gália, em *Tritium Magallum* (na Hispânia) e no Norte de África o que demonstra um estado de romanização e um poder económico relativamente alto. A datação destas estruturas, é difícil de aferir pois como veremos estas estruturas são constantemente reutilizadas, destruídas e refeitas. ainda não se encontra aferida com toda a segurança, mas o facto é que os materiais que lhes estão associados, são materiais destes períodos.

Mós, elementos de moinhos cilíndricos de marcha lenta para minério. Os moinhos cilíndricos serviam para pulverizar o minério triturado. De tempos a tempos, as superfícies gastas

tinham de ser afiadas por ranhuras radiais, o que não se verifica nos exemplares exumados nesta intervenção.

## 7. O ferro na época romana em Portugal

Como refere Jorge de Alarcão muitas *villae* e *vici* teriam as suas próprias ferrarias, onde a fundição estaria associada à extracção do minério e ao ofício do ferreiro<sup>9</sup>.

O tipo de fornos, técnicas de metalurgia, a correlação entre o local e a produção e os aspectos geográficos e económicos daí resultantes não são devidamente evidenciados pela arqueologia clássica.

Um escorial surge da deposição sucessiva de desperdícios da fundição. Durante a combustão, quer seja através do método directo, quer pela interferência dos altos-fornos, as matérias são libertadas e, após arrefecimento, surgem com uma determinada textura, constituindo aquilo a que se chama escória ou ganga. A separação da escória do ferro propriamente dito faz-se porque o ferro tem maior densidade do que a escória e esta, ficando no leito da fusão, à superfície, acaba por ser descarregada através de orifícios superiores abertos nos fornos, ou mesmo, no caso do ferro forjado, com a martelagem.

A escória não está totalmente liberta de ferro, esta percentagem de ferro é variável conforme a técnica de fusão utilizada. Admite-se que quanto mais primitiva é a técnica maior é o teor de ferro contida na escória.

Nesta estação, deveriam trabalhar o ferro pelo processo de Hallstat, pelo sistema de pequenos fornos isolados de argila refratária, isto é, cavados numa encosta, com grelha de furos de argila e uma cúpula com chaminé para fazer a tiragem<sup>10</sup>. Destes fornos como verificámos apenas foi possível detectar um forno, U.E.-216.

A necessidade de desmanchar o forno depois de cada utilização, determinou que cada ferraria se transformasse num montão de fornos, para Adriano Vasco Rodrigues, não havia ruínas, mas montes de escombros e escórias<sup>11</sup>. Estaria o autor a falar de níveis como os que denominámos de derrubes?

No entanto pouco se sabe sobre as escórias das fundições, os restos de fornos e os materiais em que eram construídos, sobre os moldes e os locais escolhidos para sítios metalúrgicos.

A localização desta estação tem uma topografia que se apresenta adequada aos fornos tipo Hallstat, temos uma encosta de declive suave, uma linha de água nas proximidades, e o minério não deveria de vir de muito longe. Não esquecer que temos um topónimo de Monte do Ferro a cerca de cinco quilómetros para o lado de Portel, apesar das Cartas Geológicas de Portugal não apresentarem grandes concentrações de ferro nesta zona. Haveria, portanto de se fazer uma inves-

9 - ALARCÃO: 1988, 132-133.

10 - CFERREIRA: 1969, 207.

11 - RODRIGUES: 1964.

tigação mais aprofundada sobre este sítio.

Da época romana salientam-se os fornos de Santa Maria do Sado, que segundo Jorge Custódio tipificam a função da “ferriaria” nas suas origens<sup>12</sup>. São também conhecidos os fornos de cal em fossas, com possibilidade da escória correr pelas vertentes a que se deu o nome de Rennfeuer. Os povos que utilizavam esta técnica directa era simultaneamente fundidores e forjadores, não obtendo um ferro perfeitamente fundido devido às baixas temperaturas dos fornos. Também não sabiam ou não necessitavam de aproveitar as escórias.

## 8. Conclusões

Como foi referido ao longo deste relatório, em 135 dias úteis distribuídos em 4 Fases de trabalho, foram intervencionados 2134 m<sup>2</sup>, sendo que 1262 foram intervencionados manualmente, 661m<sup>2</sup> foram intervencionados com máquina retro-escavadora e 211 m<sup>2</sup> foram intervencionados manualmente e com máquina. Nesta intervenção foram exumados 72016 fragmentos de espólio arqueológico.

Com o fim dos trabalhos no São Faraústo, podemos concluir estar perante dois espaços distintos: um a Norte ou **Espaço Habitacional** que corresponde à sondagem 7 com 750 m<sup>2</sup>, e outro a Sul ou **Espaço Industrial** que corresponde à área das sondagens 3, 4, 10 e 11 com aproximadamente 600 m<sup>2</sup>.

Se o espaço habitacional apresenta uma cronologia do século III ao V, os materiais da zona oficial apresentam-nos uma cronologia do século I ao século V. Teremos um espaço habitado durante cinco séculos e com possível continuidade durante a Alta Idade Média? Não podemos esquecer a presença do templo dedicado a um Santo Mártir alto-medieval e de que a área de dispersão de materiais é muito maior do que a área. Pensamos estar perante uma *villae* de cariz rural e/ou metalúrgico de época romana e que pode abarcar um período tão pouco estudado no nosso país que é transição da época romana para a Idade Média.

Esperamos que este sítio possa um dia ser passível da continuação deste estudo com uma intervenção arqueológica junto à capela de São Faraústo, o que nos parece imprescindível para aferir da existência ou não de um templo alto-medieval.

Devemos referir, ainda, que este estudo seria mais completo se houvesse possibilidades financeiras para o estudo do espólio arqueológico que como vimos por esta amostra é tão rico, bem como, para a realização de análises laboratoriais de escórias e das amostras de terras e da parede do forno. Estas análises são essenciais para o estudo da metalurgia desta estação e o país nesta época de estudo.

## 9. Bibliografia

- ADAM, J.-P. (1996) – *La Construcción Romana – Materiales y Técnicas*. León: Editorial de Los Oficios. 1996.
- ALARCÃO, A. M. de (Coord.) (1997) – *Portugal Romano – A Exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 1997.
- ALARCÃO, J. de (1998) – *O Domínio Romano em Portugal*. Forum da História Mem Martins: Publicações Europa-América, 3ª Edição, 1998, p. 132.134.
- AMARAL, P. (1993) – *O Povoamento Romano no vale superior do Tâmega – Permanências e mutações na humanização de uma paisagem*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado. 1993.
- AMENDOEIRA, P. (1999) – *Inventário do Património Arquitectónico*. Lisboa: Base de Dados da DGEMN. 1999.
- ARGUELLO MENÉNDEZ, J. (1998) – O Trabalho do Ferro. IN *Terras do Cão da Malcata ao Reboredo – Os Valores do Cão*. Maia: Estrela Cão – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, 1998.
- CARDOSO, J. (2002) – *Agiolégio Lusitano*. Porto: Edição Facsimilada, Tomo II, p. 722. 2002.
- CARDOSO, L. – *Dicionário Geográfico*. Lisboa: vol. 1
- COSME, S. R.; MARTINS, C. M. B. (2000) – Estudo analítico do espólio metalúrgico de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra, V.ª N.ª de Foz Côa). In *Contributos das ciências e das tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IX, p. 215-222. Porto: ADECAP, 2000.
- COSME, S. R. (2002) – *Entre o Cão e o Águeda. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto Policopiado, 2002.
- CUSTÓDIO, J.; BARROS, G. M. de (1984) – O Ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos. Porto: Ferrominas EP, Julho 1984.
- DAVID, P. (1947) – *Études Historiques sur la Galice et Portugal, du Vie au XIIe siècle*. Paris-Lisboa: Institut Français au Portugal; Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos da Faculdade de Letras de Coimbra, p. 236-237, 1947.
- ESPANCA, T. (1978) – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*. Lisboa: vol.1, p. 125, 1978.
- FERREIRA, O. de V.; FERREIRA, S. de V. (1969) – *A vida dos Lusitanos no tempo de Viriato*. Lisboa: Ed. Polis, 1969.
- GARCIA RODRIGUEZ, C. (1966) – *El culto de los santos en la España Romana y Visigoda*. Madrid: CSIC, 1966.
- HARRIS, E. C. (1991) – *Principios de estratigrafia Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica. 1991
- LIMA, P. (1992) – *Património de Portel*. Portel: Câmara Municipal de Portel, vol. 1, 1992.
- LOPES, M. C. (2003) – *A Cidade Romana de Beja – Percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Ivlia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003.
- RODRIGUES, A. V. (1964) – “O Problema das Fundições Romanas

12 - CUSTÓDIO: 1984, 17.

de Ferro, Escavação feita segundo a Técnica Tridimensional numa ferraria do Reboredo (Moncorvo)". IN *Separata da Lucerna*, vol. II, n.º 1-2. Porto: 1962.

SILVA, A. M. S. P.; ARGUELLO MENÉNDEZ, J., CAVALHEIRO, J. T.; RIBEIRO, M. C. S. (2000)– "Elementos Paleometalúrgicos da Castelo de Valinhas (Arouca, Portugal)". IN *Contributos das ciências e das tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica*. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IX, p. 173-198. Porto: ADECAP, 2000.

TEIXEIRA, R. (1996) – *De "Aqua Flaviae" a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado., 1996.